

A Lia Que Lia Lia

Antero Monteiro



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

*A todos os meus alunos
A todos os meus colegas*

A Lia Que Lia Lia

Minha boa amiga Lia
muito lia muito lia
Lia de noite e de dia
lia lia lia lia

Lia tudo o que queria
Zoologia Geologia
lia até Psicologia
livros de Filosofia
mapas de Geografia
temas de Pedagogia
problemas de Economia
tratados de Biologia
volumes de Biografia
coisas da Tecnologia
e tanta bibliografia
que já ninguém avalia
quantas páginas a Lia
tinha lido ao fim do dia

Minha boa amiga Lia
muito lia muito lia
lia de noite e de dia
lia lia lia lia

De manhãzinha ela lia
só parava ao meio-dia
sopa de letras comia
mas quase nem engolia
À tarde nem se mexia
lia tudo o que podia
lia tudo por mania
tudo o que na estante havia
na Biblioteca existia
ou então na livraria
À noite pouco dormia
lia à luz da almotolia

e sempre que adormecia
sonhava que lia lia
lia relia treslia
sempre sem uma arrelia
sempre a sorrir de alegria
sem sentir monotonia
ou sofrer de miopia
ou de qualquer alergia

Minha boa amiga Lia
muito lia muito lia
lia de noite e de dia
lia lia lia lia

A mãe lavava e cosia
espanejava e varria
— e ela lia lia lia

O pai gastava a maquia
ia ao casino e perdia
— e ela lia lia lia

A irmã pouco fazia
pois tinha paralisia
— e ela lia lia lia

O irmão era só folia
só folguedo e romaria
— e ela lia lia lia

A avó coitada dormia
esperando a morte fria
— e ela lia lia lia

O avô que quase não via
em vão chamava p'la Lia
— e ela lia lia lia
O primo só televia
todos os canais que havia
— e ela lia lia lia

E enquanto a prima Maria

ia p'rà Cova da Iria
— ela lia lia lia

O tio era uma apatia
era uma vida vazia
— e ela lia lia lia

Melhor do que ele era a tia
mas morreu c'uma anemia
— e ela lia lia lia

E enquanto eu escrevia
esta longa poesia
a Lia toda crescia
em grande sabedoria
porque lia lia lia
lia lia lia lia
Ler como ela ninguém lia
ler como ela só a Lia

Canção De Liberdade

Nos olhos de uma criança
Nas asas do gavião
No vento da tarde mansa
No vento do furacão
Nas dobras da tua esp'rança
Na mão que toma outra mão
No sonho que tudo alcança
Nos rumos do coração

Há uma vibração que passa
com vigor de mocidade
que te beija que te abraça
que se chama LIBERDADE

No azul que o infinito alague
Na nuvem que já se altera
Na luz que jorre e te afague
No surto da Primavera
Nas melodias de Bach
Numa alegria sincera
No riso que ninguém pague
No futuro que te espera

Há uma vibração que passa
com vigor de mocidade
que te beija que te abraça
que se chama LIBERDADE

Centopeia

A menina Centopeia
não é bonita nem feia
Mas é algo exagerada
porque diz que tem cem pés
e não tem nada
Será que tem mais de dez?

Apesar de ser tão falsa
eu chego a ter pena dela
É que assim sempre descalça
leva muita calcadela
Como as demais centopeias
apenas sofre maus tratos
Nem sequer ganha p'ra meias
quanto mais para sapatos!

Crocodilo

Estava um crocodilo
muito tranquilo
no Rio Nilo
a fazer aquilo
que faz um crocodilo
Era bonito vê-lo!
Chegou D. Camilo
sentado num camelo
Quis impedi-lo
de estar ali no Nilo
a fazer aquilo
O que queria ele?
Uns sapatos de pele
de crocodilo
Deu-lhe um tiro p'ra matá-lo
mas só pôde feri-lo
— Espera já te falo! —
pensou o crocodilo
no estilo
de quem diz "falo"
em vez de "filo"
— Ah! patife!
Foi-se ao tolo
atirou-o ao solo
e arrancou-lhe um bife
muito mais que um quilo!
— Foge que te engulo! —
gritou o bicho fulo
Assim fez D. Camilo
Levantou-se do pó
e foi pedir asilo
ao faraó

A esfinge assistiu muda
a tudo aquilo
(Caluda!

Eu é que não me ralo!)
Parece até que nada acontecera
E assim era
Se alguém quisesse prová-lo
não ia consegui-lo
Quanto ao Nilo
continuou a correr
sem perceber
o que é que o impele
E o crocodilo
já não anda tão tranquilo
só pensa em salvar a pele
que é melhor um crocodilo
no Rio Nilo
que a pele dele
nos pés de D. Camilo



Declaração Dos Direitos Da Criança

Tenho direito a ter um nome
e uma nação
Tenho direito a não ter fome
e a ter pão

Tenho direito à liberdade
Tenho direito à igualdade
Tenho direito à educação
Tenho direito a ter amor
e compreensão
seja qual for
a minha raça a minha cor
ou religião

Tenho direito a tratamento
Tenho direito a alojamento
Tenho direito à distração
Tenho direito à amizade
e à protecção
da negligência crueldade
ou exporação

Tenho direito à segurança
Tenho direito a ser criança
CUMPRAM-SE ESTA DECLARAÇÃO

Dia Treze Sexta-Feira

Acordei estremunhado
com a grande chinfrineira
do relógio avariado
na mesa de cabeceira
Era hora já tardia
tão tardia de maneira
que ia perder — que arrelia! —
o autocarro da carreira
Mas que fazer se era dia...
DIA TREZE SEXTA-FEIRA!

Corri logo a tomar banho
escorreguei na banheira
e fiz um enorme lanho
ao cair contra a torneira
Enchi de sangue a toalha
quebrei a saboneteira
Parecia uma batalha
com toda aquela nojeira
Não há ninguém que me valha
DIA TREZE SEXTA-FEIRA!

Ao pequeno almoço o pão
queimou-se na torradeira
Entornei leite no chão
e partiu-se a cafeteira
Ao lutar c'um esfregão
contra uma varejeira
bati mas foi com a mão
no vidro da cristaleira
Para o vidro não é bom
DIA TREZE SEXTA-FEIRA!

Mal saí uma cadela
que rebentara a coleira
mordeu-me numa canela



com pontaria certa
Tropecei numa raiz
duma enorme laranjeira
e bati com o nariz
numa cobra cuspideira
É data muito infeliz
DIA TREZE SEXTA-FEIRA!

Fui para a escola já tonto
de tanto azar e canseira
Para mais havia ponto
que não era brincadeira
Mas a colega Angelina
empurrou-me da carteira
embati contra uma esquina
e estraguei a lapiseira
O que é não se imagina
DIA TREZE SEXTA-FEIRA!

Mal saí fui jogar bola
para o larguinho da feira
Dei logo cabo da sola
da minha pobre chuteira
Fintei o Jorge o Tiago
a outra equipa toda inteira
mas o chuto fez estrago
no vidro da costureira
Que dia tão aziago
DIA TREZE SEXTA-FEIRA!

Depois passei pelo prado
e caí então na asneira
de me sentar descansado
debaixo de uma oliveira
Veio esperto um passarinho
e fez-me grande sujeira
no meu branco colarinho
e também na cabeleira
Mas que dia tão daninho



DIA TREZE SEXTA-FEIRA!

Foi ao voltar que dei fé
de ter perdido a carteira
de ter perdido o boné
de ter perdido a pulseira
Por distração ou por pressa
por engano ou parvalheira
também perdi a cabeça
e não foi a vez primeira
Não sei que mais me aconteça
DIA TREZE SEXTA-FEIRA!

Atirei-me para a cama
numa imensa choradeira
— Ninguém me ama, ninguém me ama!
Não há ninguém que me queira!
...Mas o vizinho Rodrigo
ao ouvir tal barulheira
ao sentir que eu estava em perigo
veio ter à minha beira
e ficou ali comigo
numa ternura fagueira
Parecia um bom abrigo
para a minha vida inteira
Ganhei então um amigo
DIA TREZE SEXTA-FEIRA!



Gaivotas

Gaivotas
Cada uma um til irrequieto
de estranho alfabeto
um sulco de frotas
O mar está lindo
murmura cicia
um cântico infindo
de melancolia

Gaivotas
Eu sigo-as Ei-las Lá vão
Ao longe que são?
Pequenas galeotas?
Eu sigo-as
e enquanto se alam
dialogam e falam
em vozes ambíguas

Gaivotas
Juntinhas todas em bando
lá vão demandando
rochedos ilhotas
Com elas eu vou-me
voando também
como quem tem fome
de além mais além



Hino Da Alegria

Se a luz te olha
o teu olhar
e o acha triste
Se o pranto o molha
e o sal do mar
nele persiste

Levanta
a fronte jovem
canta Beethoven
todo o dia
Encontrarás
depressa a paz
e a alegria

Se a solidão
nunca te deixa
e és só outono
se o coração
todo se queixa
de abandono

Levanta a fronte jovem
canta Beethoven
todo o dia
Encontrarás
depressa a paz
e a alegria

Se a vida é baça
é um açoite
é um degredo
se te ameaça
dia e noite
a voz do medo

Levanta a fronte jovem
canta Beethoven
todo o dia
Encontrarás
depressa a paz
e a alegria

História Verídica

(A primeira quadra é fórmula popular)

Era uma vez
um conde e um bispo
passaram p'la ponte
não sei mais do que isto

Só sei que o bispo
convidara o conde
p'ra saírem juntos
não sei para onde

Só sei que lá foram
porventura a pé
foram à procura
mas não sei de quê

Só sei que à procura
lá foram andando
até que encontraram
mas não sei bem quando

Só sei que um dos dois
se achou muito mal
e ia morrendo
só não sei é qual

Só sei que a morrer
eu sei lá porquê
o enfermo disse
mas não sei o quê

Só sei que depois
ao verem o rei
dizem que o mataram
mas como não sei



Se não acreditam
perguntem a alguém
perguntem perguntem
sei lá eu a quem

Ouvi esta história
talvez em Dezembro
mas quem ma contou
disso não me lembro

Insónia

Um dois e três carneiros
saltitam espertos
Mais três como os primeiros
— e eu de olhos abertos...

Sete oito nove dez
fugidos ao seu dono
Já são quarenta pés
— e eu à espera do sono...

Onze bolas de lã
tropeçando à marrada
Já é quase manhã
— e quanto a dormir nada...

Uma dúzia balindo
(e só sabem balir)
Que rebanho tão lindo
de horas sem dormir!...

Mais cinco dezassete
mais quatro vinte e um
Esta noite promete
— e eu sem sono nenhum...

Vinte e dois vinte e três...
E mais um par recolho
Já passaram mais dez
— e eu sem pregar olho...

Já lá vão trinta e quatro
se não erro ou não esqueço
Lá vem mais um pacato
— e eu cá não adormeço...

Chega meia centena

a tropeçar na lama
Quem de mim terá pena
sempre às voltas na cama?

Já são oitenta e cinco
mais quinze faz os cem
Eles brincam e eu brinco
sem ter sono também...

Ai se o lobo nocturno
atacasse... — que horror!
Por isso é que não durmo
É que eu sou o pastor...

Leonor

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura
Vai formosa e não segura

Leva a bilha na cabeça
p'ra despistar e mais nada
Tem água canalizada
e nem é que lhe apeteça
Sua sede não é essa
É de amor — e não tem cura!
Vai formosa e não segura

Também leva o coração
aos pulos dentro do peito
coração insatisfeito
sequioso de emoção
A sua grande paixão
espera-a na fonte pura
Vai formosa e não segura

Com a pressa de chegar
esqueceu a sapatilha
quase ia quebrando a bilha
e torcendo o calcanhar
Lá se vai dessedentar
na água limpa da ternura
Vai formosa e não segura

A mãe chama-a da janela
o pai resmunga e ameaça
Nada há que se lhe faça
que já não toma cautela
Corre quase que atropela
com a graça a formosura
...E já ninguém a segura!

Medos

Mãe tenho um grande segredo
(Nem sei bem se o diga ou não!)
Tenho medo m e d o M E D O
Tenho pavor aflição
E não lhe acho solução

Tenho medo do escuro
Da farronca do papão
Até do próprio futuro
Tenho medo do ladrão
Do corisco e do trovão

Cismo a pensar nalgum sismo
Que nos venha abrir o chão
Na raiva dum cataclismo
Na surpresa de um vulcão
Num dilúvio sem perdão

E se um cometa acomete
Como um imenso dragão
Contra esta casa terrestre
Esta pobre habitação
E lhe espeta algum ferrão?

Tenho medo do gigante
E mesmo de algum anão
Daquele enorme elefante
Mas também de qualquer cão
Duma aranha ou aranhão

Tenho muitos outros medos
Fantasmas de assombração
Diabos bruxas bruxedos
Mesmo que sejam ficção
O pior é se não são!...
Tenho medo sobretudo

É das palavras em “ão”
Algumas já dizem tudo
Como traição aldrabão
Convulsão ingratidão
Tubarão constipação
Indigestão injeção
Prisão febrão furacão

Aqui está o meu segredo
Só de ti não tenho medo
Dá-me mãe a tua mão!

O. O.

Olga Oliveira
só tem idade
p'ra brincadeira
Mas tem uma certa mágoa
de não saber
escrever
Só sabe assinar na água:
no lago deixa cair
duas pedrinhas — não mais
Produz assim duas ondas
Co'as suas iniciais
— Não há letras mais redondas



Ovelhas

Passavam longamente
pelo carreiro
e faziam o mesmo trajecto
das enxurradas
Corriam para o lado do mar
à procura de um mar verde
de erva
Era um rebanho centopeia
que o pastor
levava preso ao assobio

O carreiro porém
tinha a mania das grandezas
Engordou engordou
à força de alcatrão
às toneladas
O pastor mudou de profissão
só ficou com o vício
do assobio
Agora é sinaleiro
e lá vai pastoreando
o rebanho interminável
dos automóveis

Petiz

Quando eu era petiz
só podia olhar p'rà rua
onde brincava feliz
a criançada seminua
E eu passava os meus dias
modorrentos
a rasgar do álbum de fotografias
folhas com que fazia vira-ventos
que punha a rodopiar

Era o meu modo de acenar
aos que não tinham muro
nem grade
e dizer bom dia ao futuro
e à liberdade

Poemal

O Senhor Zé Pascoal
distráido sem igual
andava há um ano e tal
buscando a rima final
p'ra um soneto especial
e tinha que ser em "al"
É um assunto vital
para quem quer ser tal qual
o Antero de Quental
Parece paradoxal
mas dessa palavra a tal
nem sinal!

À sua casa no val'
fez uma busca integral
procurou na horizontal
sob a cama de casal
viu na entrada principal
junto do quadro geral
na caixa do cereal
mesmo na lata do sal
no seu cofre de metal
até dentro de um dedal
Vasculhou no manual
no prontuário lexical
em todo todo o local!
Porém da tal rima em "al"
nem sinal!

Desceu então ao quintal
foi ver no seu laranjal
no faval e no nabal
no muro branco de cal
no portão meridional
bem pertinho do pombal
ao fundo junto ao pinhal



no caminho vicinal
no telhado e no beiral
Mas (que distracção fatal)
dessa tal rima afinal
nem sinal!

Passou então no passal
na Igreja Paroquial
foi ao Bairro Social
ao Restaurante Central
à Câmara Municipal
à ceia do Cardeal
a casa do Juvenal
à Cintura Industrial
à Escola Comercial
à Praça do General
à Rua Gomes Leal
à Travessa do Ameal
à areia do areal
ao Banco Internacional
foi ao Clube Fluvial
ao largo do Tribunal
ao Palácio de Cristal
Mas dessa rima banal
nem sinal!

Deu a volta a Portugal
Ao Norte Vila Real
lá no Sul Ameixial
procurou no Olival
na zona do Carregal
nas vinhas do Bombarral
na Praia do Carvalhal
na Estrada Nacional
nos arredores de Cercal
em Coimbra no Choupal
na feira do Sardoal
na Reserva Natural
percorreu o litoral



e chegou à capital
à Rua do Arsenal
e foi de Alcácer do Sal
num barco até ao Faial
e dali para o Funchal
Mas do que era essencial
nem sinal!

Aquela busca anormal
tornou-se internacional
Foi ao Maciço Central
a Colónia à Catedral
foi até ao Senegal
foi ao Sara Ocidental
saltou p'rá África Austral
foi à Ilha do Natal
remou no Mar de Coral
banhou-se no Mar Aral
depois no Lago Baical
andou lá pelo Nepal
visitou Taj Mahal
na Índia Setentrional
voou até Montréal
andou pelo Pantanal
do País do Carnaval
no Panamá no Canal
e em Cabo Canaveral
cem países no total
Mas daquele verso em "al"
nem sinal!

Então sentiu-se tão mal
que não houve cordial
nem houve água mineral
que lhe elevasse o moral
como era habitual
Teve uma dor tão brutal
na parede intestinal
que morreu como um pardal

duma morte especial
E ocorreu-lhe a rima em "al"
na palavra "funeral"
Logo surgiu o missal
do Senhor Padre Amaral
A seguir veio o coval
e veio muito animal
com modos de canibal
p'ra fazer um festival
Com o perdão divinal
e escancarado o portal
do éden celestial
soube que rimar em "al"
era coisa trivial
Mas p'ra completar o tal
soneto original
p'ra ser um poeta igual
ao Antero de Quental
era tarde
por sinal...

Quem Está?

— *Que está na varanda?*
— *Uma fita cor de ganga.*
(Popular)

— Quem está na varanda?
— O Senhor Miranda
Vejam só quão feliz anda!

— Quem está à janela?
— A Gabriela
Que bonita que está ela!

— Quem está ao postigo?
— O Senhor Rodrigo
Que fala sempre comigo!

— Quem está no telhado?
— O Senhor Morgado
Sempre a rir tão animado!

— Quem está no quintal?
— O Senhor Leal
Que nunca a ninguém quer mal!

— Quem está na eira?
— O Senhor Ferreira
Nunca lhe ouvi uma asneira!

— Quem está no jardim?
— O Senhor Crispim
Tão bondoso ele é p'ra mim!

Tanta gente tanta gente
Nenhuma me é indiferente



Nenhuma me contraria
Tanta gente assim amiga
Só naquela rua antiga —
A Rua da Simpatia!

Rodrigo É Um Perigo

Rodrigo é só brincadeiras
asneiras
e tropelias
um calvário de arrelias
e traquinices sem conta
Não faz nada do que eu digo
aquela cabeça tonta
E todos gemem: — Rodrigo
tu assim és um perigo!

E dou-lhe eu irmão mais velho
um conselho
uma palavra
É de natureza brava
não está quieto uma hora
Ainda goza comigo
e põe-me a língua de fora
Todos acusam: — Rodrigo
tu assim és um perigo!

Salta saltita esperneia
pontapeia
barafusta
e toda a gente se assusta
com os ruídos que faz
É francamente inimigo
de tranquilidade e paz.
E todos gritam: — Rodrigo
tu assim és um perigo!

Ontem do quarto à noitinha
era tal
tão brutal
o estrondo que de lá vinha
que a casa até estremecia
E eu cá pensava comigo



que o prédio ainda caía
Todos berravam: — Rodrigo
tu assim és um perigo!

Caiu do tecto um fragmento
e um momento
de aflição
toldou-nos o coração
Nem sei dizer mas senti-me
bem pequeno bem exíguo
tudo a abanar como um vime
Correram todos: — Rodrigo
tu assim és um perigo!

Aberta a porta no entanto
o santo
do meu irmão
dormia como um vulcão
extinto há mais de um milénio
um sorriso bem amigo
duma fada ou de um bom génio
E ninguém gritou: — Rodrigo
tu assim és um perigo!

Hoje soube p'lo jornal
que afinal
à mesma hora
uma coisa assustadora
correra de lés a lés
o país como um castigo
Fora um sismo de grau dez!
É que nem sempre o Rodrigo
é o único perigo!

Sem Pé

O Pedro José
foi à Nazaré
mas com a maré
lá perdeu o pé

E quando chegou
tudo ele contou
A mãe ameaçou
— Vai procurá-lo... ou...

Lá foi com seu tacto
levou cão e gato
têm mais olfacto.
E o Pedro José
não achou o pé
achou o sapato



Tão Balalão

*Tão balalão
Morreu o Simão...
(Rima infantil)*

Tão balalão
Morreu o Simão
Ficou impassível
deitado no chão
os olhos fechados
sem respiração
as mãos apertando
o seu coração

Tão balalão
Morreu o Simão
Morreu sem um padre
e sem confissão
sem sinal da cruz
sem uma oração
Morreu acreditem
que deu um esticão

Tão balalão
Morreu o Simão
Tão novo que ele era
tão flor em botão
Não foi o sarampo
não foi congestão
O certo é que agora
não tem solução

Tão balalão
Morreu o Simão
Já gritam os pais
já chora o irmão
Se os amigos sabem



o que não dirão?
Que notícia triste
p'rò tio João

Tão balalão
Morreu o Simão
Morreu sem aviso
e sem permissão
morreu sem motivo
morreu sem razão
e está sem acordo
não diz sim nem não

Tão balalão
Morreu o Simão
...Mas uma folhinha
que estava no chão
furou-lhe a camisa
fez-lhe comichão
Desatou a rir
mas que maganão
e todos nós vimos
a ressurreição
A morte é ainda
e só reinação
Que dobrem os sinos
no seu balalão
que não morreu não
o nosso Simão

Tão balalão
Quem seria então?
Perguntem ao padre
ou ao sacristão

Tranglomanglo

Tinha doze namoradas
que arranjei lá muito longe
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram onze

Tinha onze namoradas
só duas não tinham pés
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram dez

Eu tinha dez namoradas
tudo gente muito nobre
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram nove

Tinha nove namoradas
que namoravam no soito
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram oito

Tinha oito namoradas
magras como um alfinete
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram sete

Tinha sete namoradas
princesas filhas de reis
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram seis

Eu tinha seis namoradas
radiantes como um brinco
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram cinco
Tinha cinco namoradas
para levar ao teatro
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram quatro



Tinha quatro namoradas
todas negras como pez
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram três

Eu tinha três namoradas
sempre a fazerem das suas
Deu o tranglomanglo nelas
apenas ficaram duas

Tinha duas namoradas
não gostava de nenhuma
Deu o tranglomanglo nelas
apenas me ficou uma

Tinha uma namorada
vestida de prata e ouro
Deu o tranglomanglo nela
acabou-se-me o namoro

Por causa do tranglomanglo
lá fiquei eu sem nenhuma
Mas agora hei-de ir à feira
p'ra comprar ao menos uma

Por causa do tranglomanglo
que anda aí pelas ruas
em vez de comprar só uma
vou mas é comprar as duas

Por causa do tranglomanglo
qua anda a atacar outra vez
em vez de comprar só duas
vou mas é comprar as três
Por causa do tranglomanglo
com quem na vida me bato
em vez de comprar só três
vou mas é comprar as quatro

Por causa do tranglomanglo
com quem luto com afinco

em vez de comprar só quatro
vou mas é comprar as cinco

Por causa do tranglomanglo
que é bruto como sabeis
em vez de comprar só cinco
vou mas é comprar as seis

Por causa do tranglomanglo
que no amor se me intromete
em vez de comprar só seis
vou mas é comprar as sete

Por causa do tranglomanglo
assassino bem afoito
em vez de comprar só sete
vou mas é comprar as oito

Por causa do tranglomanglo
que daqui ninguém remove
em vez de comprar só oito
vou mas é comprar as nove

Por causa do tranglomanglo
que mas mata aos pontapés
em vez de comprar só nove
vou mas é comprar as dez

Por causa do tranglomanglo
afinal feito de bronze
em vez de comprar só dez
vou mas é comprar as onze
Por causa do tranglomanglo
que jamais ninguém descose
em vez de comprar só onze
vou mas é comprar as doze

Mas isto do tranglomanglo
é apenas um boato
Quero doze namoradas
porque à dúzia é mais barato



Turma Barulhenta

(Imitação de uma poesia de Cecília Meireles)

Nesta triste sala
A turma barulha
Nunca mais se cala
Passa o tempo à bulha

— Ora ora ora
Calem-se lá
Nossa Senhora!

Mas que turma peste
Que põe tudo doido
Senhor Mota o mestre
Esfalfa-se todo

— Ora ora ora
Calem-se lá
Nossa Senhora!

Mas ninguém se cala
Nem Zé nem António
Toda aquela sala
É um manicómio

— Ora ora ora
Calem-se lá
Nossa Senhora!

E o professor
Dá bem pena vê-lo
Berra p'ra se impor
Arranca o cabelo



— Ora ora ora
Se não se calam
Ponho-os lá fora!

A turma gargalha
Do medo que tem
Que o mestre só ralha
Não mata ninguém

— Ora ora ora
Se não se calam
Eu cá vou-me embora!

Ninguém acredita
Naquela promessa
Toda a gente grita
E o ruído não cessa

— Ora ora ora
Ninguém se calou
E eu vou mesmo embora!

A porta estoirou
Saltou mesmo a chave
E a turma ficou
Num silêncio grave

Sem o mestre Mota
Com quem guerrear?
P'ra quê a chacota
E este riso alvar?

E tudo silente
Que nem cemitério
Tudo de repente
A jogar o sério

Nisto o professor
Entrou de rompante



(Raio de senhor
Tão extravagante)

E logo que entrou
Por respeito à norma
Tudo regressou
À primeira forma

Já ninguém se cala
Nem José nem Bento
Por aquela sala
Veio um pé-de-vento

— Ora ora ora
Calem-se lá
Nossa Senhora!

ÍNDICE

A Lia que lia lia.....	4
Canção de liberdade.....	7
Centopeia.....	8
Crocodilo.....	9
Declaração dos Direitos da Criança	11
Dia treze sexta-feira.....	12
Gaivotas.....	16
Hino da alegria.....	17
História verídica.....	19
Insónia.....	21
Leonor.....	23
Medos.....	25
O. O.....	27
Ovelhas.....	28
Petiz.....	29
Poemal.....	30
Quem está?.....	34
Rodrigo é um perigo.....	35
Sem pé.....	37
Tão balalão	38
Tranglomanglo.....	40
Turma barulhenta.....	44



Colecção

digit@lmente

Título: **A LIA QUE LIA LIA**
Autor: **ANTERO MONTEIRO**
Ilustrações: **SARA PRÍNCIPE**

Edição em Formato Livro: **Junho de 1999**
Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997